



UNICAMP



## **PROTESTOS NA MÍDIA: ANÁLISE DA COBERTURA MIDIÁTICA DE PROTESTOS.**

**Palavras-Chave: JORNAIS, COBERTURA, PROTESTOS**

**Autores(as):**

**GABRIELA TABONI LISBOA, IFCH – UNICAMP**

**Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. LUCIANA FERREIRA TATAGIBA (orientador(a)), IFCH - UNICAMP**

---

### **INTRODUÇÃO:**

A pesquisa aqui apresentada busca montar uma classificação ideológica dos protestos reportados pelo jornal Folha de São Paulo entre 2011 a 2020, visando compreender se há algum padrão de noticiamento do jornal em um período amplo.

Nos estudos de mídia e política, é necessário pensar nessas duas esferas como complementares e paralelas no meio de uma zona de conflitos de interesse (MIGUEL, 2002). A popularização do acesso à informação caminhou em conjunto com a democratização do debate político, em direção a um consumo rápido de notícias, que precisam ser chamativas ao público.

Esse formato organizacional e estrutural de repassar movimentos sociais apenas quando conformam a um ativismo ‘newsworthy’ foi trabalhado por autores como Man Chan (1981) e McLeod & Hertog (1999), no qual apontam a maneira que a mídia trata os protestos como um paradoxo: Para um movimento ser noticiado ele precisa contar com uma performance chamativa que gere acesso aos portais de notícia, mas quando isso acontece, a forma que o protesto é repassado pelos meios de comunicação cria um estereótipo dos movimentos como ‘radicais’, gerando em resposta um confronto disfuncional entre os atores dos protestos e a mídia.

A forma como a mídia repassa essas ações coletivas é, como exposto por Man Chan, direta ou indiretamente construída pela consciência originada da realidade social. Não é do interesse da mídia hegemônica questionar os limites da política, os editoriais não são detentores do poder, mas guardam a chave para o acesso ao poder, neste caso, ao capital político (Miguel, 2002).

Castells (2007) define que o que não está na mídia, não está na mente das pessoas, e em paralelo, Urbinati (2000) acaba por complementar a ideia quando expõe a exclusão da democracia representativa como uma arma, que possui forma no silêncio. Isso leva os movimentos sociais a se tornarem uma representação cada vez mais performática de suas demandas, por uma chance na disputa de narrativas.

O foco no campo ideológico parte da necessidade da categorização desta variável visando estudos futuros, mas também por ser uma característica fundamental para montarmos o paradigma de protesto dos jornais brasileiros, considerando que é preciso estudar o caráter ideológico para compreender as relações de dominação e poder (Thompson, 2002).

A pesquisa faz parte de um conjunto amplo de pesquisas sobre cobertura de protestos, pelo grupo de estudos internacionais La Protesta e o Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais e Ação Coletiva (NEPAC-UNICAMP).

## **METODOLOGIA:**

Após rever a proposta inicial da IC, a pesquisa contou com uma metodologia qualitativa e quantitativa. Em relação ao método quantitativo, contamos com o acesso ao banco de dados do grupo de estudos latino-americanos La Protesta, com foco nos protestos brasileiros reportados pelo jornal Folha de São Paulo entre os anos de 2011 a 2020.

A classificação dos eventos foi feita de maneira conjuntural e relacional, sendo dependente do contexto em que o Evento de Protesto (unidade básica dos dados) está inserido. Adotamos as variáveis de ‘Organizações’ e ‘Demanda’<sup>1</sup> para classificar o evento dentro de 4 categorias entre: Extrema-Direita; Direita Tradicional/Novas-Direitas/Conservadores; Neutros/Indefinidos e Esquerda/Progressistas. É importante ressaltar que quando o evento de protestos não possuir informações suficientes no banco de dados para determinar com precisão uma categoria ideológica, se faz necessária a busca do evento em outras formas de mídia (como jornais semelhantes ou mídia alternativa).

Para as categorias de orientação ideológica citadas, utilizamos também como peso uma categoria própria de “Adesão à democracia”, como forma de refinar o nível de diferenciação entre os protestos de Extrema-Direita para os outros níveis ideológicos. Consideramos protestos sem “adesão à democracia” quando contam com um ataque anti-sistêmico e/ou às instituições da democracia liberal representativa. A separação é necessária pelo crescimento desta categoria de expressão a partir de 2018.

Devemos levar em conta que estamos classificando a ideologia do evento de protesto, os movimentos organizadores e as demandas são limitadas à variáveis como meio de identificação que utilizamos para a tipologia. Um movimento organizador pode ser caracterizado como Neutro/Indefinido, mas se este aparece no banco em um protesto que ataca o Supremo Tribunal Federal, por exemplo, esse é um evento de protesto de Extrema-Direita.

Não tratamos aqui de uma definição ideológica dos movimentos sociais ou da demanda, mas sim do Evento de Protesto.

## **CONCLUSÕES:**

O desafio do projeto é como definir uma classificação ideológica levando em consideração as variáveis citadas anteriormente em conjunto com o contexto de uma sociedade polarizada, que passou por profundas alterações durante o recorte temporal da pesquisa. A área de pesquisa sobre a mídia hegemônica do Brasil ainda carece de profundidade em diversas frentes, os estudos existentes focam – em maioria – no estudo de um movimento ou jornada em específico.

O que pretendemos com essa pesquisa é construir, de maneira quantitativa, o cenário dos protestos brasileiros reportados pelo jornal Folha de São Paulo sob a lente ideológica. Compreender não somente as forças que vêm disputando as ruas brasileiras, mas também como essa disputa se apresentou e se reorganizou durante a última década.

---

## **BIBLIOGRAFIA**

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CASTELLS, Manuel. Communications, Power and Counter-power in the Network Society. *International Journal of Communication*, University of Southern California, v. 1, p. 238-266, 2007.

MIGUEL, Luis Felipe. Os meios de comunicação e a prática política. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política* [online]. 2002, n. 55-56, pp. 155-184. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64452002000100007>>. Epub 29 Jan 2004. ISSN 1807-0175.

McLeod, Douglas M., and James K. Hertog. 1999. Social control and the mass media's role in the regulation of protest groups: The Communicative Acts perspective. In *Mass media, social control and social change*. Ames: Iowa State University Press.

Douglas, M. McLeod, News Coverage and Social Protest: How the Media's Protect Paradigm Exacerbates Social Conflict, (2007) Available at: <https://scholarship.law.missouri.edu/jdr/vol2007/iss1/12>.

URBINATI, Nadia. "Representation as advocacy: a study of democratic deliberation". Political Theory, vol. 28(6). Thousand Oaks, 2000, pp. 758-86.